

UFSM

A TELEVISÃO COMO EDUCADORA  
AMBIENTAL: ESTUDO DE CASO

Monografia de Especialização

A TELEVISÃO COMO EDUCADORA  
AMBIENTAL: ESTUDO DE CASO

Monografia apresentada ao Conselho de Especialização em

Educação Ambiental, para a obtenção do grau de  
Especialista em Educação Ambiental

Reinaldo Maia Vizcarra

CPGEAMB  
CPGEAMB

UFSM  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Santa Maria, RS, Brasil

2004

# A TELEVISÃO COMO EDUCADORA AMBIENTAL: ESTUDO DE CASO

por

**Reinaldo Maia Vizcarra**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em  
Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria  
(UFSM,RS), como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialista em Educação Ambiental**

**CPGEAMB**

**UFSM**  
Biblioteca Central

Santa Maria, RS, Brasil

2004

058675

00005244

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Rurais  
Curso de Especialização em Educação Ambiental

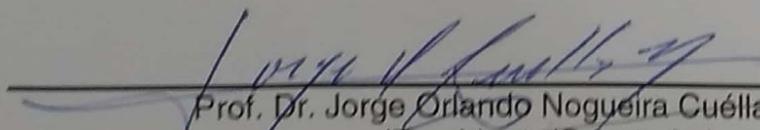
A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Monografia de Especialização

**A TELEVISÃO COMO EDUCADORA AMBIENTAL:  
ESTUDO DE CASO**

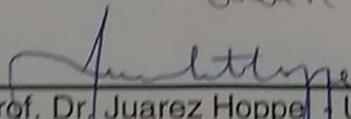
elaborada por  
**Reinaldo Maia Vizcarra**

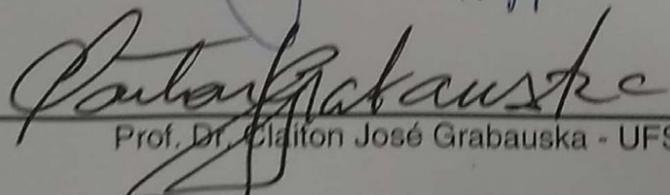
como requisito parcial para obtenção do grau de  
Especialista em Educação Ambiental

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Jorge Orlando Nogueira Cuéllar - UFSM  
(Presidente/Orientador)

*Cueller Nogueira*

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Juarez Hoppe - UFSM

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Claiton José Grabauska - UFSM

Santa Maria, 06 de dezembro de 2004

**UFSM**  
Biblioteca Central

## FICHA CATALOGRÁFICA

V864t Vizcarra, Reinaldo Maia  
A televisão como educadora ambiental: estudo de caso/ Reinaldo  
Maia Vizcarra – Santa Maria, 2004.  
68 fls.

Monografia (Especialização em Educação Ambiental) -  
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

1. Comunicação 2. Cultura 3. Educação ambiental 4. Televisão  
I. Título

CDU 504:37

Agradecimentos

A Deus pela vida perfeita, eterna

À Sonia, minha esposa e namorada;

Ao Gabriel, meu filho e amigão.

Às amigas Isabel e Cleide, que sempre me  
estão referindo sobre o mundo;

À amiga Mônica Novaglia, que sempre me  
ajuda a manter a mente sempre fresca;

À amiga Mônica Novaglia, que sempre me  
ajuda a manter a mente sempre fresca;

Às pessoas queridas e familiares professor  
César e sua esposa Flávia e  
Gabriela, por partilharem suas visões do  
mundo, e por sempre lembrar que ainda há  
muito para aprender e transformar.

## SUMÁRIO

### Agradecimentos:

*A Deus pelos meus olhos perfeitos, aptos para olhar e enxergar o que é novo, e pela esperança que me mantém lutando;*  
*A Sonia e Gabriel por iluminarem minha vida;*  
*Aos autores dos livros através dos quais tenho refletido sobre o mundo;*  
*Às amigas Izabel e Gláucia, que emprestaram sua bondade e tempo nesta pesquisa;*  
*À amiga Mônica Montaña, que com seu exemplo de luta e coragem estimulou-me a este caminho;*  
*Ao generoso orientador e hermano professor Cuéllar, e aos professores Hoppe e Grabauska, por partilharem suas visões do mundo, e por fazerem perceber que ainda há muito para aprender; e transformar....*

## SUMÁRIO

Lista de Quadros .....	ix
Lista de Figuras .....	x
<b>RESUMO</b> .....	xi
<b>ABSTRACT</b> .....	xii
<b>1 – INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 – A importância do tema .....	2
1.2 – O problema estudado .....	3
1.3 – Delimitação do tema .....	4
1.4 – Objetivos .....	4
1.4.1– Objetivo geral .....	4
1.4.2 – Objetivos específicos .....	4
<b>2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	6
2.1 – Educação Ambiental .....	6
2.2 – Educação Ambiental e Televisão: Transmissão para o desenvolvimento .....	13
2.3 – Educação Ambiental como processo informativo .....	17
2.4 – Entretenimento X Educação: Prioridade para o comercial .....	22
2.5 – A programação ambiental na RBS-TV .....	24
2.5.1 – Globo Ecologia .....	24
2.5.2 – Globo Rural .....	25
2.5.3 – Globo Ciência .....	26
2.5.4 – Globo Repórter .....	27
2.5.5 – Telecurso 2000 .....	28

<b>3 – METODOLOGIA</b> .....	30
3.1 – Método .....	30
3.2 – Definição da amostra .....	32
3.3 – Coleta de dados.....	33
<b>4 – RESULTADOS</b> .....	35
4.1 – Os programas que o público prefere .....	35
4.2 – Os programas que o público gosta, mas não pode assistir .....	37
4.3 – Alternativas e oportunidades da Educação Ambiental pela TV ....	39
4.4 – Dias e horários para educação ambiental: a preferência do público .....	41
<b>5 – CONCLUSÕES</b> .....	44
5.1 – Sobre as preferências do público .....	44
5.2 – Sobre os programas que o público gosta, mas não pode assistir	45
5.3 – Alternativas para Educação Ambiental na RBS-TV/Globo .....	45
5.4 – Educação Ambiental em horários não marginais .....	46
5.5 – A televisão fora da lei .....	47
5.6 – As oportunidades ambientais da RBS-TV: propostas .....	48
5.7 – Sugestões para novos trabalhos .....	50
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	52
<b>ANEXOS</b> .....	55

## LISTA DE QUADROS

		Página
Quadro 1	Preferência feminina em relação a programas	35
Quadro 2	Preferência masculina em relação a programas	36
Quadro 3	Programas em ocasiões inadequadas	38
Quadro 4	Alternativas de veiculação – mulheres	40
Quadro 5	Alternativas de veiculação – homens	41
Quadro 6	Dias/horários ideais para Educação Ambiental na TV - mulheres	42
Quadro 7	Dias/horários ideais para Educação Ambiental na TV – homens	43

## LISTA DE FIGURAS

		Página
Figura 1	Preferência feminina em relação a programas	35
Figura 2	Preferência masculina em relação a programas	36
Figura 3	Horários inadequados, na opinião das mulheres	38
Figura 4	Horários inadequados, na opinião dos homens	39

## RESUMO

# A TELEVISÃO COMO EDUCADORA AMBIENTAL: ESTUDO DE CASO

Autor: Reinaldo Maia Vizcarra

Orientador: Prof. Dr. Jorge Orlando Noguera Cuéllar

Este trabalho busca determinar as preferências dos telespectadores adultos urbanos de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, quanto aos programas da RBS-TV que veiculam Educação Ambiental. Levando em conta o potencial educador da televisão e a opinião do público, busca-se avaliar quais os programas que agem como educadores ambientais que o público prefere, quais os que ele prefere mas não assiste, que alternativas os telespectadores apontam para a Educação Ambiental pela televisão e quais os melhores dias e horários para exibir programas com a temática ambiental. Para tanto foi utilizada pesquisa de opinião e preferências, com dados obtidos por formulário específico, viabilizando resultados através de inferências estatísticas. As conclusões poderão, então, servir de subsídios para ações de melhoria do papel da televisão na construção de uma sociedade que se desenvolva de forma sustentável.

FEDERAL UNIVERSITY OF SANTA MARIA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
Monografia de Especialização em Educação Ambiental  
Santa Maria, 06 de dezembro de 2004

## ABSTRACT

# THE TELEVISION AS ENVIRONMENTAL EDUCATOR: STUDY OF CASE

Author: Reinaldo Maia Vizcarra

Advisor: Prof. Dr. Jorge Orlando Noguera Cuéllar

This work search to determine Santa Maria's urban adult viewers' preferences, in Rio Grande do Sul, with relationship to the programs of the RBS-TV that transmit Environmental Education. Taking into account the potential educator of television and the public's opinion, it is looked for to evaluate which the programs that act as environmental educators that the public prefers, which the ones that he prefers but he doesn't attend, that alternatives the viewers appear for the Environmental Education for television and which the best days and schedules to exhibit programs with the thematic environmental. For so much it was used opinion research and preferences, with data obtained by specific form, making possible results through statistical inferences. The conclusions will be able to, then, to serve as subsidies for actions of improvement of the paper of television in the construction of a society that grows in a maintainable way.

FEDERAL UNIVERSITY OF SANTA MARIA  
COURSE OF SPECIALIZATION IN ENVIRONMENTAL EDUCATION  
Monograph of Specialization in Environmental Education  
Santa Maria, Dec, 06, 2004

U F S M  
Biblioteca Central

## 1. INTRODUÇÃO

*“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.”*

*(Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas)*

As questões ambientais levantadas hoje no seio da sociedade apontam para grandes responsabilidades que devem ser assumidas pelo homem, à guisa de, em longo prazo, garantir a qualidade da vida no planeta e sua própria subsistência, além da de outras espécies.

A poluição massificada, herança de um processo de industrialização que se iniciou com a Revolução Industrial na Inglaterra do século XVIII, resultou em graves agressões ao meio ambiente e à harmonia de diversos fatores bióticos e abióticos de diversos de seus ecossistemas.

A urgência da reparação dos erros cometidos pelos homens aponta para a necessidade de se ampliar em larga escala a conscientização quanto às suas condutas de vida e de produção, de forma a reduzir a poluição, o desperdício de recursos, a degradação ambiental e a extinção das espécies.

Os meios de comunicação em massa podem contribuir com essa conscientização, dada a eficiência de sua natureza. De fato, no caso da televisão brasileira, muitos programas têm veiculado informações de caráter orientador e pedagógico acerca das questões relacionadas à ecologia e ao meio ambiente, num claro esforço para edificar uma cultura pró-conservacionista e de uma educação ambientalista.

Considerando que as emissoras de televisão decorrem de concessões federais e que tal privilégio é associado a uma série de deveres e responsabilidades, é necessário não perder de vista as oportunidades de apontar os caminhos que façam dessas mídias veículos mais atuantes na

formação de pessoas que tenham a consciência de que fazem parte do meio ambiente; não são apenas usuários deste.

## 1.1 A importância do tema

Os ditos *problemas ambientais* se tornaram mais perceptíveis para a sociedade depois das denúncias veiculadas nos meios de comunicação de massa. Até então, embora fosse conhecida, a poluição do ar, por exemplo, era vista como um preço normal a ser pago pela industrialização. Roth assinala esta noção, ao afirmar:

*“Durante muito tempo a poluição do ar era relegada, entre as preocupações da sociedade, a ser tratada como um tema pouco importante. As chaminés eram os símbolos mais expressivos para caracterizar o progresso de uma região do país; o ar puro tinha apenas conotações estéticas, associando-se ao bucolismo da vida campestre”* (Roth, 1996)

Com uma visão de poluição associada à produtividade industrial, muitas vezes equivocada inclusive sobre o que é poluição, a sociedade somente vai despertando para a importância de valores ambientais a medida em que os meios de comunicação a educam, informando-lhe sobre coisas que ela ignora, muitas vezes, completamente.

Mesmo na educação formal, a principal fonte de atualização de professores, agentes de educação da sociedade, se restringe à televisão, conforme aponta um estudo veiculado no jornal Zero Hora, de 25/05/2004: *“Como consequência dos baixos salários, a fonte de informação de grande parte dos docentes se restringe à TV, assistida diariamente por 74,3% dos educadores”*.

Essa função educacional ou culturalista da televisão começou, em 1969, a ser exigida pela sociedade, em especial pelos intelectuais e pela imprensa, fato observado por Sodré, ao analisar as fases da TV no Brasil: *“Não era apenas as emissoras educativas oficiais o que se desejava, mas a própria culturalização do sistema televisivo comercial”* (Sodré, 1977:110).

Considerando especificamente o papel da televisão, Diaz (2002, p.143) postula que *os grandes documentários didáticos, com sua visão de um mundo que parece externo ao observador, tiveram, indubitavelmente, uma enorme importância na mudança de atitudes da população de muitos países.*

Dessa forma, torna-se clara a importância de se analisar como a sociedade percebe – e prefere – a Educação Ambiental veiculada pela televisão, uma vez que essa mídia exerce preponderante papel em sua educação, como um todo. Como cliente desse processo educacional, a sociedade pode optar pela absorção ou não dos conhecimentos, e pela passividade ou reação diante das questões abordadas. O importante é que ela pode e deve fazer suas escolhas, inclusive, de forma soberana em relação às questões de mercado que norteiam as programações das emissoras.

Além disso, a educação voltada para a preservação das condições naturais do planeta e para uma conduta produtiva sustentável, é mais do que uma tendência de última hora, e pode ser uma estratégia de sobrevivência.

## **1.2 Problema estudado**

Diante da importância do tema proposto, que salienta o potencial da mídia televisiva como transmissora de conteúdo educador ambiental, é importante verificar o seguinte problema: a programação da RBS-TV, que veicula educação ambiental em Santa Maria, atende com eficácia e

adequação às preferências do público telespectador, favorecendo a criação de uma cultura pró-ambiental local?

### **1.3 Delimitação do Tema**

A pesquisa realizada neste trabalho se delimita, no aspecto emissora de televisão, especificamente à RBS-TV, de Santa Maria, caracterizando-se por ser um estudo com base no caso de uma organização, e trata dados fornecidos por público exclusivamente adulto e urbano deste município.

### **1.4 Objetivos**

#### **1.4.1 Objetivo Geral**

Determinar as preferências dos telespectadores adultos urbanos da RBS-TV, de Santa Maria, criando subsídios para que a Educação Ambiental pela televisão seja mais efetiva na concepção de uma cultura local pró-ambiental.

#### **1.4.2 Objetivos Específicos**

- Identificar os programas de conteúdo educativo ambiental que são exibidos pela RBS-TV, em Santa Maria;
- Identificar entre estes quais os que detêm a preferência do público adulto urbano de Santa Maria;

- Identificar quais os programas de conteúdo educativo ambiental que não são assistidos em virtude de inadequação de horários, em relação às preferências dos telespectadores;
- Apresentar alternativas de veiculação de conteúdo educador ambiental, de acordo a preferência dos telespectadores;
- Determinar quais os horários e dias preferidos pelo público adulto urbano de Santa Maria para veiculação de programas com conteúdo educador ambiental;
- Apresentar propostas que visem o aumento do potencial educativo ambiental na programação da RBS-TV.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 Educação Ambiental

As primeiras noções em Educação Ambiental começaram a ser percebidas através de entidades conservacionistas, que visavam proteger a fauna e a flora. Nos EUA, em 1872, começou o movimento para criação dos parques nacionais e a instituição do Dia da Árvore. Na Inglaterra, foi criada a Sociedade Linneana, em 1895, para proteção de lugares de interesse histórico e beleza natural (Tamames, *apud* Meyer, 1994).

Em 1962, a bióloga norte-americana Rachel Carlson lança o livro *Primavera Silenciosa*, alarmando o mundo acerca da deterioração que o planeta vinha sofrendo, graças à ação do homem. Na Inglaterra, em março de 1965, a Conferência de Keele gerou concórdia em torno da idéia que “*a escola deveria incluir a dimensão ambiental na educação de todos os cidadãos.*” (Meyer, 1994)

O conceito de Educação Ambiental tem evoluído desde suas primeiras noções, datadas da década de 70, quando o mundo despertou para a necessidade de reestudar suas relações com o meio ambiente. Na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, 1972, a Educação Ambiental passou a existir como um campo de ação pedagógico, conforme se verifica no princípio nº 19, do plano de ação da Conferência, quando assinala:

“É indispensável um trabalho de educação em questões ambientais dirigido tanto às gerações mais jovens como aos adultos, e que preste a devida atenção ao setor da população menos privilegiada, para ampliar as bases de uma opinião bem informada e de uma conduta dos indivíduos, das empresas e da coletividade, inspirada no sentido de sua responsabilidade quanto à proteção e melhoramento do meio

em toda a sua dimensão humana”. (ONU, *apud* Mininni-Medina&Leite, 2001, p.19)

O plano de ação aprovado em Estocolmo recomenda ainda, em especial à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura, UNESCO, o estabelecimento de um Programa Internacional de Educação Ambiental, que deveria, então, *“possuir enfoque interdisciplinar com caráter escolar e extra-escolar, envolvendo todos os níveis de ensino e dirigindo-se ao público em geral, jovem e adulto indistintamente, com vistas a ensinar-lhes as medidas simples que, dentro de suas possibilidades, possam tomar para ordenar e controlar seu meio”* (Mininni-Medina&Leite, 2001, p.20)

Em 1974 realizou-se em Tammi, na Finlândia, um seminário internacional sobre Educação Ambiental promovido pela Unesco, que preconizou como sendo “princípios de Educação Ambiental” os seguintes:

- A Educação Ambiental é um componente de todo o pensamento e de toda a atividade, da cultura, no mais amplo sentido da palavra; seu fundamento é a estratégia de sobrevivência da humanidade e de outras formas da natureza;
- A estratégia de sobrevivência é um enfoque geral que requer conhecimentos de ciências naturais, tecnologia, história, sociologia; assim como os meios intelectuais para analisar e sintetizar esses conhecimentos a fim de criar novos modos de atuação;
- Além da estratégia de sobrevivência, deve considerar a qualidade de vida, as metas fixadas a este respeito e os meios com que conta a humanidade para alcançá-las;
- A Educação Ambiental espera que se levem em consideração os princípios da ecologia no planejamento social em diferentes atividades, na economia, nos planos nacionais e internacionais. (Mininni-Medina&Leite, 2001, p.20)

Ainda segundo Mininni-Medina&Leite (2001), o seminário de Tammi acabou por concluir que a Educação Ambiental permite alcançar os objetivos de proteção ambiental, e que não se trata de um ramo da ciência ou uma matéria de estudos separada, senão o marco de uma educação integral permanente.

Em 1975, O Seminário Internacional de Educação Ambiental, em Belgrado, definiu como sendo meta da Educação Ambiental:

*“Garantir que a população mundial tenha consciência do meio ambiente e se interesse por ele e por seus problemas conexos e que conte com os conhecimentos, atitudes, motivação e desejos necessários para trabalhar individual e coletivamente na busca de soluções dos problemas atuais e para prevenir os que possam aparecer” (Mininni-Medina&Leite, 2001, p.23).*

Além disso, a Carta de Belgrado preconizou os novos princípios de orientação aos Programas de Educação Ambiental, conforme descritos:

- Considerar o meio natural e artificial em sua totalidade: ecológica, tecnológica, social, legislativa, cultural e estética;
- Construir um processo contínuo e permanente na escola e fora dela;
- Assumir um enfoque interdisciplinar;
- Apoiar-se em uma participação ativa na prevenção e resolução dos problemas ambientais;
- Estudar as principais questões ambientais desde o ponto de vista mundial, atendendo as diferenças regionais ;
- Centrar-se em situações atuais e futuras;
- Considerar todo o desenvolvimento e crescimento em uma perspectiva ambiental;
- Fomentar o valor e a necessidade de cooperação local, nacional e internacional na resolução dos problemas ambientais. (UNESCO/PNUMA apud Mininni-Medina&Leite, 2001, p.23)

A primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, convocada pela Unesco, realizou-se em Tbilisi, na Geórgia, quando esta ainda integrava a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1977.

Para Diesel (1994), nesta conferência *“o discurso da Educação Ambiental aparece mais articulado, indicando a conveniência e a possibilidade de conciliação entre desenvolvimento e conservação.”*

Para Mininni-Medina (2001, p.26) a Conferência de Tbilisi *“compreendeu o meio ambiente não somente como meio físico biótico, mas, também, o meio social e cultural, e relaciona os problemas ambientais com os modelos de desenvolvimento adotados pelo homem.”* Além disso, a autora salienta que a Declaração aprovada nesta Conferência *“ênfatiza que a Educação Ambiental deve preparar o indivíduo mediante a compreensão dos principais problemas do mundo contemporâneo, possibilitando-lhe (...) melhorar a vida e proteger o meio ambiente considerando os valores éticos.”*

Este evento tornou clara a associação que devem ter as questões ambientais com as questões sociais e econômicas, como quando afirma Tomazetti (2004): *“Afirmou-se a necessidade de mudanças no plano econômico para viabilizar a conservação do meio ambiente e a tomada de consciência de que muitos problemas ambientais se articulam a interesses políticos e econômicos consolidados”.*

Nesta perspectiva, a Conferência de Tbilisi fez a Educação Ambiental superar a visão restrita ao âmbito da ecologia, ampliando-a para uma concepção de meio ambiente que aborda a interdependência entre o meio natural e o meio artificial.

No entanto, alguns autores não vêem maiores avanços à partir de Tbilisi, como é o caso de Dias *apud* Alberguini, que crê que após a Conferência a situação no Brasil, por exemplo, *“foi a mesma da grande maioria dos países pobres, ou seja, justamente onde a EA seria mais necessária, dadas as cruéis realidades sócio-econômicas ali instauradas,*

*sob a égide de modelos de desenvolvimento impostos, de notória capacidade de degradação da qualidade de vida, a EA não se desenvolveu o suficiente para ser capaz de produzir as transformações necessárias*". Dias deixa clara sua impressão de que *“as recomendações de Tbilisi e dos encontros regionais para a América Latina e o Caribe pouco serviram”* e que ainda se confunde, no Brasil, Educação Ambiental com Ecologia.

O Congresso Internacional sobre a Educação e Formação Relativas ao Meio Ambiente foi promovido pela UNESCO e pelo PNUMA, em Moscou, em 1987. Salientando a necessidade de fortalecer as principais orientações formuladas pela Conferência de Tbilisi, a Conferência de Moscou estabeleceu as seguintes prioridades de ação, segundo Mininni-Medina (2001):

- Intercâmbio de informações sobre desenvolvimento do currículo – fator essencial para concentrar e racionalizar as atividades encaminhadas para generalizar a Educação Ambiental em escala mundial;
- Elaboração de um modelo curricular dinâmico e adequado às transformações;
- Intensificar a inclusão da Educação Ambiental nos diversos graus e categorias de ensino;
- Capacitação dos docentes;
- Desenvolvimento de novos recursos didáticos;
- Promoção da avaliação formativa dos currículos existentes e de suas modificações;
- Produzir um inventário crítico dos enfoques, métodos e instrumentos de avaliação aplicados aos diferentes contextos, prever os instrumentos de avaliação na aplicação de todos os currículos e na utilização de material didático. (Mininni-Medina&Leite, 2001, p.34)

Após várias conferências internacionais sobre o meio ambiente e suas questões as Nações Unidas chegaram à Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, que discutiu temas

ambientais globais, 20 anos após a Conferência de Estocolmo. Em paralelo, realizou-se a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano, em junho de 1992, que ficou conhecida como *Cúpula da Terra*. Nessa conferência, da qual participaram 179 países, o principal objetivo era o de promover um estilo de desenvolvimento capaz de conciliar as lógicas econômico-sociais com a sustentabilidade ecológica; o desenvolvimento sustentável, primando pela conservação e preservação dos recursos renováveis e não-renováveis e pela qualidade de vida da população mundial.

O principal resultante da Cúpula da Terra foi a Agenda 21, um programa que, segundo Mininni-Medina&Leite (2001, p.37), “*propõe ser o texto-chave para guiar governos e sociedades nas próximas décadas rumo ao estabelecimento de um novo modelo de desenvolvimento.*”

A Agenda 21 se caracteriza por uma pauta de ações, em especial para os países desenvolvidos, aos quais recomenda mudanças no padrão de consumo e adoção de processos que reorientem a produção econômica, de forma a controlar seus efeitos sobre o meio ambiente. A Agenda 21 propõe ações, metodologias, atores, e mecanismos, através dos quais as instituições podem implementar e gerenciar programas de desenvolvimento sustentável.

A Educação Ambiental também foi contemplada pela Agenda 21, com a seguinte orientação: “*O ensino, o aumento da consciência pública e o treinamento estão vinculados virtualmente a todas as áreas do programa da Agenda 21 e ainda mais próximas das que se referem à satisfação das necessidades básicas, fortalecimento institucional e técnico, dados e informação, ciência e papel dos principais grupos.*” (Agenda 21, Cap. 36.1)

A Educação Ambiental, na Agenda 21, se baseia em valores que se traduzem, basicamente, em: cooperação, igualdade de direitos e fortalecimento dos grupos socialmente vulneráveis ou em desvantagem

relativa, democracia e participação, ética e em uma concepção de globalização positiva, ou seja, sob uma perspectiva inclusiva.

Esses valores da Educação Ambiental vão se identificar à análise de Vivien Diesel, quando esta afirma que:

“Para certos movimentos sociais organizados, a Educação Ambiental é instrumento de conscientização sobre as características perversas do capitalismo. Pode aparecer, também, como instrumento de conscientização das características perversas dos modelos de desenvolvimento sob a ótica social e ambiental. Figura, assim, como parte de uma estratégia de libertação dos povos oprimidos.” (Diesel, in *Ciência & Ambiente* nº8, 1994)

Considerando a Educação Ambiental como uma ciência ainda em construção, pode-se apreciar a definição de Dias *apud* Tomazetti (1998, p.54) acerca do objetivo da EA: “*A educação ambiental tem a tarefa de definir valores e motivações que conduzam a padrões de comportamento de preservação e melhoria do meio ambiente*”.

Tomazetti vai mais além, ao postular que:

“O grande desafio ao cidadão educado, nesta perspectiva, é contribuir na construção de alternativas às tradicionais opções: *Desenvolvimento exige prejuízos ao meio ambiente ou em nome do meio-ambiente deve-se breicar o desenvolvimento*. Entre o fatalismo imobilista servil à racionalidade do capital sem peias ao ecologismo radical que alimenta posturas tecnocráticas de engenharia social, trata-se de encontrar outro caminho.” (Tomazetti et alii, 1998, p.66)

Tomazetti *et alii* (1998), no entanto, mostram-se descrentes na eficácia da Educação Ambiental professada no Brasil, no modelo que esta se apresenta. Isto fica claro na afirmação:

“A educação ambiental no Brasil permanece na inércia e, as poucas experiências desenvolvidas são alvo de inúmeras críticas por acabarem desvirtuando-se das propostas iniciais e engajarem-se em práticas exógenas e voltadas a preocupações extremamente preservacionistas, pouco contribuindo para a formação do cidadão ativo“ (Tomazetti et alii, 1998, p 53)

## **2.2 Educação Ambiental e Televisão: Transmissão para o desenvolvimento**

Desde as primeiras iniciativas mundiais de reconstrução das relações do homem para com o meio ambiente, os meios de comunicação de massa têm sido convocados a participar de uma espécie de reengenharia social, pretendida pelas nações, em especial as desenvolvidas, sob liderança da Organização das Nações Unidas - ONU. Da Conferência de Estocolmo, em 1972, é possível destacar os seguintes trechos:

“É indispensável um trabalho de educação em questões ambientais, dirigido tanto às gerações mais jovens como aos adultos, e que preste a devida atenção ao setor da população menos privilegiada, para ampliar as bases de uma opinião bem informada e de uma conduta dos indivíduos, das empresas e da coletividade, inspirada no sentido de sua responsabilidade quanto à proteção e melhoramento do meio em toda a sua dimensão humana”.

“É também essencial que os meios de comunicação de massa difundam informações de caráter educativo sobre a necessidade de proteger e melhorar o ambiente, para que o homem possa desenvolver-se em todos os seus aspectos.” (Mininni-Medina&Leite, 2001, p.34)

Mais adiante no tempo, a Conferência de Tbilisi, reconhecendo a grande influência dos meios de comunicação social no comportamento do consumidor, e este no comportamento das organizações produtivas, sugere:

*“Que os meios de comunicação social tenham a consciência de sua função educativa, na formação de atitudes do consumidor, com o objetivo da não estimulação do consumo de bens que sejam prejudiciais ao meio ambiente”* (Minnini-Medina &, 2001)

No âmbito da Rio-92, como resultado do Fórum Global, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, aprovado para orientar as ações da sociedade civil nos anos seguintes à Conferência, estabelece, como um dos princípios de Educação Ambiental, que uma sociedade sustentável:

*“(...) requer a democratização dos meios de comunicação de massa e seu compromisso com todos os setores sociais, transformando-se num canal privilegiado de divulgação de informações para a sociedade, e, na medida do possível, um instrumento de educação desta sociedade.”* (Minnini-Medina, 2001)

Para Donel (2002, p.33), *“educar significa proporcionar acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento de uma consciência crítica, através da compreensão da função social do saber historicamente acumulado”*. Com uma visão que partilha do reclame das nações acerca da participação dos meios de comunicação de massas na educação voltada para as questões ambientais, Donel (2003, p.35) ainda coloca que *“A educação é um processo contínuo e não deve ser exclusivamente das escolas. Implica num processo de reflexão e tomada de consciência, mobilização e participação cidadã, na busca de melhor qualidade de vida.”*

Sobre a Educação Ambiental, Barbosa (2004) afirma que esta se subdivide em formal e informal, sendo a primeira constituída de processos das unidades de ensino, e a segunda *“caracterizada por sua realização fora da escola, envolvendo flexibilidade de métodos e de conteúdos, e um público alvo muito variável em suas características (faixa etária, nível de*

*escolaridade, nível de conhecimento da problemática ambiental, etc.)”.*  
(Barbosa, 2004)

No sítio eletrônico da organização Ambiente Brasil, voltada para questões ambientais, também encontramos a afirmação de que a Educação Ambiental se subdivide em formal e informal, com as mesmas definições.

Ao analisar a importância da televisão como meio de comunicação de massa, e seu papel como provedora de educação ambiental, como demandavam as nações nos eventos pró-ambientais, há que se levar em conta as propriedades dessa mídia, não ignorando os estudos já realizados acerca da televisão como fonte de educação. Um notório exemplo reside em White & Thomas (1995), que afirmam que uma categoria se distingue entre as transmissões de televisão, cumprindo um papel diferenciado das transmissões que visam a educação formal e a educação não formal; é a transmissão para o desenvolvimento. Tal categoria de transmissão não se volta apenas para o desenvolvimento das habilidades individuais, mas também, como asseguram os autores:

“(...) para ajudar indivíduos e grupos, contribuindo com os objetivos sócio-econômicos nacionais, com a melhoria das comunidades ou com os objetivos de movimentos sócio-políticos. Este tipo de educação freqüentemente inclui uma forte dimensão motivacional e uma consciência social emergente.” (White&Thomas, 1995).

Para Bates *apud* White & Thomas (1995) esta categoria de transmissão se subdivide em três grupos, que se compõem da seguinte forma: o primeiro, de orientações no sentido de melhorar a qualidade de vida, como por exemplo, abordagem de assuntos relacionados à saúde, gerência familiar, compreensão dos sistemas econômicos e políticos modernos, e outros aspectos assemelhados. O segundo, é o grupo das campanhas, que visam obter do público compreensão, precaução e motivação, em geral com

relação a um problema comunitário específico, como os relacionados à prevenção de contágio em epidemias, cuidados para evitar o entupimento de bueiros, campanhas contra fome, entre outros. O terceiro se caracteriza pelas transmissões educativas para mudanças sociais e ações políticas, como por exemplo, criar uma consciência contrária a abusos de direitos, desenvolver apoio a novas legislações ou criar auto-estima em grupos de baixa renda. (White&Thomas, 1995)

Esta perspectiva se sobrepõe à noção de televisão como educadora ambiental informal, como é comum que seja associada, e remete-a a um outro nível de participação na sociedade, muito mais poderoso e abrangente, no qual a televisão pode ir além de simplesmente ensinar; ela tem o poder de criar a cultura. Uma colocação de Marcondes Filho, estudioso da relação da televisão com a sociedade, já salientava, há cerca de uma década, sua capacidade de transformar o comportamento social:

“A televisão inverte aquilo que é a dimensão do real. Se antes, na primeira fase, a TV mostrava uma realidade, hoje, com o fenômeno da auto-referencialidade, é ela própria que é a realidade. (...) pelo fato de a TV ter se tornado veículo de comunicação dominante (que se sobrepôs a todos os outros meios e os faz subordinarem sua linguagem, seus temas e sua estrutura a ela) e pelo fato de os meios de comunicação, nesta sociedade, terem se tornado os sistemas mais decisivos de toda a sociedade, constata-se, a partir de agora, que praticamente tudo na sociedade passa a girar em torno dos meios de comunicação, em especial, da televisão” (Marcondes Filho, 1994:35).

A criação de uma cultura pró-ambiental poderia, então, incentivar a sociedade a servir de cenário de uma educação efetivamente ambiental, oportunizando a desconstrução do paradigma que dita o consumo exarcebado e do antigo hábito de ver a natureza como propriedade do homem. Dessa forma, a Educação Ambiental poderia incidir sobre cidadãos

que a demandem, em uma cultura que valoriza o aspecto ambiental, ao invés de surgir como o arauto da preservação do meio ambiente, ditando novas regras e cobrando posturas e uma ética que, de um modo geral, inexistem nas sociedades e nas pessoas.

Parece, então, oportuno citar Meyer (1994), quando reclama pela dimensão cultural da Educação Ambiental:

“A dimensão cultural é fundamental para a educação como um elo entre o mundo natural e social. Infelizmente, por miopia de análise, a maioria das entidades governamentais e não-governamentais não a considera em seus projetos. Uma educação ambiental que não reconhece os aspectos culturais e não articule saber popular e saber acadêmico, tende a ser uma educação autoritária e dominadora.”  
(Meyer, 1994: p.69)

Isto posto, pode-se concluir que pensar a televisão numa perspectiva de educação ambiental informal, meramente, além de subestimar seu potencial na criação das identidades culturais, pode oferecer o risco de se criar uma programação ineficaz, invasora em relação à cultura estabelecida. A televisão tem potencial para criar a cultura pró-ambiental, e esta sim, ser o marco inicial que viabilize que toda a educação seja ambiental. Dessa forma, resultam os cidadãos em bem mais do que um povo adestrado; um povo capaz de desenvolver-se de forma racional e sustentável.

### **2.3 – Educação Ambiental como processo informativo**

Uma consideração importante na análise deste tema reside em reclamar a importância de programas educativos na televisão, como Vila Sésamo, concebido pela Oficina de TV da Criança, em Nova Iorque, e produzido em diversos países; a novela João da Silva, exibida pela Rede

Globo, nos anos 70; o Telecurso, da Fundação Roberto Marinho e O Sítio do Pica-Pau Amarelo, entre outros. Esses programas, notoriamente de educação não-formal, tinham o papel de desenvolver capacidades elementares em leitura, escrita e habilidades numéricas, ou, como no caso da obra de Monteiro Lobato, iniciar o público infantil no conhecimento da História Geral. Segundo White & Thomas (1995), de uma maneira genérica, este tipo de programa visava “*reduzir as diferenças educacionais devidas à pobreza, problemas familiares ou subdesenvolvimento regional.*”

Em 1979 a TV Globo apresentou o primeiro programa sobre o meio ambiente voltado para jovens, o Globinho Repórter, produzido pela RW VIDEO, da jornalista Paula Saldanha. A mesma produtora realizou, no início dos anos 90, o especial Terra Azul, exibido mensalmente pela Rede Manchete de Televisão, com dezenas de reportagens, feitas em diversas regiões do Brasil, mostrando como os modelos de desenvolvimento adotados para o país afetavam a qualidade de vida das comunidades.

Comparativamente, pode-se perceber que as questões que dizem respeito às relações do homem com o meio ambiente são dotadas de maior complexidade, tanto por não poderem prescindir de um mínimo conhecimento das características bióticas e abióticas dos sistemas naturais, como por exigirem uma visão sistêmica das inter-relações dos fatores sociais, de produção, políticos, etc. Tal afirmação se corrobora na opinião de Araújo & Araújo (1994), quando afirmam sobre a Educação Ambiental que esta:

“deve incorporar as dimensões sócio-econômicas, políticas, culturais e históricas, não podendo basear-se em pautas rígidas e de aplicação universal, devendo considerar as condições e o estágio de cada país, região e comunidade. (...) Deve também considerar o futuro como algo próximo e real, resultante das ações passadas refletidas e redimensionadas no presente, e não como algo distante e

abstrato (...) O fato observado reveste-se de importância significativa para o coletivo, onde o cidadão constrói e é construído, numa interação constante, que resulta na cultura consignada pela humanidade.” (Araújo & Araújo, 1994, p.83)

Dessa forma, em cada programa ou matéria que aborde questões ambientais, para se fazer entender por um público de perfil variado, a televisão tem que apresentar referências que tornem suas mensagens identificáveis por este público, criando condições para que ele seja capaz de identificar cada vez mais elementos.

Na opinião de White & Thomas (1995), a televisão apresenta esse potencial: *“a TV comunica mais facilmente a informação concreta. E está provado que os programas apropriadamente estruturados colaboram muito para estimular o pensamento e o discernimento.”*

Segundo Sodré (1977:110), a fun o educacional ou culturalista da televisão começou, em 1969, exigida pela sociedade, em especial pelos intelectuais e pela imprensa. *“Não era apenas as emissoras educativas oficiais o que se desejava, mas a própria culturaliza o do sistema televisivo comercial”*.

A partir dos anos 90, verificou-se o crescimento da importância e da qualidade de programas educativos, em especial os de maiores abordagens sobre as questões ambientais, como o Globo Ecologia, Globo Ciências e o Globo Rural. O mérito desses programas foi o de envolver o telespectador, exibindo-lhe conteúdos que, de alguma forma, estavam associados à sua realidade, ou à realidade de seu país, como por exemplo, ao mostrar aos brasileiros as maravilhas naturais do país, os problemas ambientais relacionados a elas e os porquês desses problemas, conforme o fez repetidas vezes o premiado programa Globo Repórter. E essa foi a forma como a educa o não invadiu a preferência do público, mas, antes, tornou-se parte dela.

Algumas críticas, no entanto, reclamam dos meios de comunicação de massa uma participação mais efetiva nos resultados das transformações ambientais no país, como se vê em Tomazetti et alii.

“O modelo de comunicação dos programas de educação ambiental busca levar informação para que as pessoas assumam a importância da preservação do meio ambiente. No entanto, não aponta para a construção de políticas efetivas para a solução dos problemas.” (Tomazzeti et alii, 1998, p.60)

Reforçando seu ponto de vista, Tomazzeti *et alii* vão buscar em outra referência, argumentos para corroborar sua crítica aos veículos de comunicação como educadores ambientais, como quando citam Grün *et alii* :

“O discurso ecológico largamente propalado pelos meios de comunicação, composto de informações recortadas de caráter fragmentário, e permeadas de apelos românticos, em nível de senso comum, não tem ido muito além da enumeração de problemas do mundo contemporâneo, provenientes da tecno-ciência tornada autônoma.” (Grün, Costa & Beck, *apud* Tomazzeti, 1998, p.60)

De fato, outras críticas são realizadas, apontando oportunidades de melhoria do papel dos veículos de comunicação na militância da Educação Ambiental, como esta, de Diaz (2002, p.141): “*Além disso, ao procurar dirigir-se a todos os públicos, muitos programas de informação têm pouca repercussão em setores importantes da população, e mais precisamente naqueles cuja ação cotidiana influi mais na qualidade do meio ambiente.*”

Os programas de televisão que promovem o conhecimento acerca das questões ambientais são, em sua maioria, voltados para a informação ambiental; têm um caráter jornalístico, que sustenta a *praxis* comum ao jornalismo de não admitir que sobre ele prevaleçam interesses ou ideologias.

A prática de apontar soluções, demandada por alguns autores, não condiz com o modelo informativo da televisão, quando esta atua como educadora ambiental, porque é necessário vislumbrar com clareza o que são fatos e o que são opiniões, para não incorrer no risco de oportunizar que as classes dirigentes façam suas leituras do mundo e as transmitam como sendo a verdade. Essa responsabilidade não significa não tomar posição; significa cumprir o papel de informar e proporcionar à sociedade os instrumentos necessários para que ela tome suas posições, a partir de seu próprio senso crítico.

O editor de ciências do jornal A Folha de São Paulo, em 2001, Marcelo Leite, apresenta uma esclarecedora colocação sobre a participação do jornalismo em um processo de criação de conhecimento para o seu público, o que, certamente, se relaciona também à mídia televisiva, de um modo geral.

“Cabe aqui uma explicação sobre por que prefiro falar em informação e não em educação, para referir-me à missão da imprensa em relação às questões complexas da ciência e da tecnologia, como genética e transgenética, Amazônia e mudança climática etc. O pressuposto, ao se falar em educação, costuma ser o de que há fatos objetivos e inquestionáveis produzidos pela ciência isenta e de que, uma vez que o público tenha acesso a eles, o consenso racional se estabelecerá. Nada mais distante da realidade. Essas questões são, e continuarão a ser por muito tempo, questões políticas. A complexidade científica compõe somente seu pano de fundo, e é a partir dela – e não determinada por ela – que a sociedade, ou a comunidade de nações, tem de tomar decisões negociadas. (Leite, 2001)

Admitindo então que a Educação Ambiental através dos meios de comunicação de massa – incluindo a televisão - é um processo informativo, pode-se rebater críticas como a de Tomazzeti e as de Grün, concluindo que

o papel dos meios de comunicação, para estar realmente próximo à ética que a sociedade propala – e exige -, não é o de apontar os caminhos *para* a sociedade, e sim, apontar os caminhos *da* sociedade, favorecendo-lhe a capacidade de se repensar, se reconduzir e se reconstruir.

#### **2.4 Entretenimento X Educação: Prioridade para o comercial**

A partir do início da nova era, marcada pelo fim da ditadura militar no Brasil, tornou-se perceptível o crescimento da preferência, por parte do público brasileiro, pela programação de características de entretenimento. Como afirmavam White & Thomas (1995): “*Hoje, a transmissão preferida pelo público, sem dúvida, é a do entretenimento.*” Costa (1995) opina que o predomínio da programação de entretenimento é uma imposição da televisão, por suas razões comerciais:

“Entretanto, como na maioria das televisões prioriza-se a programação comercial, o espectador pode se acostumar com programas que nada exigem intelectualmente, o que pode levá-lo a considerar a TV como meio exclusivo de entretenimento e relaxamento. A estrutura comercial também tende a frisar conteúdos que chamam a atenção, em detrimento dos que explicam e aprofundam.” (Costa, 1995)

White & Thomas (1995) vão concordar com este ponto de vista, quando asseguram que “*programas educativos tendem a ser marginalizados, relegados aos horários menos nobres, segundo os padrões comerciais*”.

O que é flagrante, para se concordar com White e Thomas, é a aparente pouca importância que os programas educativos ambientais parecem ter, já que, em geral, são apresentados em horários cujos índices de audiência são notoriamente menores; não porque estes programas

tenham pouco valor ou qualidade, mas pelas próprias características dos horários, em si. É o caso dos programas retransmitidos pela RBS-TV, no Rio Grande do Sul. O Globo Ecologia vai ao ar nas manhãs de sábado, às 7:10 horas. O Globo Ciências, também aos sábados, é exibido ainda mais cedo, às 6:40 horas. O Globo Rural, é apresentado aos domingos, às 8:00 horas, sendo também apresentado em edições diárias, de menor conteúdo, às 6:15 horas. Também são formulados conteúdos de caráter ambiental nos programas do Telecurso, cujos programas/aulas são exibidas às 5:45.

Embora não seja um programa especificamente relacionado a temas ambientais, o Globo Repórter também veicula, eventualmente, programas que apresentam questões ambientais, como ecologia, poluição, sustentabilidade, entre outros aspectos. O programa é exibido às sextas-feiras, às 22:05 horas.

Abordando essa questão informacional sob a ótica do jornalismo, Villar apud Carneiro&Tomazello (2001) considera o seguinte:

“os grandes grupos de comunicação do país, mesmo tendo a clareza de que não podem ignorar a questão ambiental, por uma questão de mercado, fazem pequenas concessões, abrindo janelas periféricas, mantendo, no entanto, o jornalismo ambiental com um status marginal.” (Villar, *apud* Carneiro&Tomazello, 2001),

Isso se deve ao fato de que as empresas de televisão e de publicidade vinculam o tipo de programação a um tipo de anunciante, e este, por sua vez, a uma faixa de horário. Assim, dando-se prioridade aos programas de entretenimento, os horários destinados para programas de conteúdos educativos são aqueles que sobram; aqueles que, aparentemente, não vendem tantos anúncios.

Berno (2004) que salienta em seu artigo “Televisão, educação e sociedade: uma visão crítica”, a alta qualidade técnica das produções da

televisão brasileira, em especial as produções da Rede Globo, chama a atenção para “*o pouco caso que as emissoras têm com a informação e a formação do conhecimento para a sociedade.*”

A televisão brasileira tem o potencial de propiciar excelente programação educativa e de informar seu público sobre as questões ambientais. Na verdade, no caso específico da RBS-TV, ela o faz, ao retransmitir os programas de conteúdo educativo e ambiental da Rede Globo. Mas o faz de forma ineficiente, descompromissada para com os resultados de sua mensagem; desassociada das responsabilidades sociais, em detrimento de sua política comercial.

## **2.5 A programação ambiental na RBS-TV**

### **2.5.1 Globo Ecologia**

O Globo Ecologia é o único programa que trata especificamente sobre questões ambientais na RBS-TV. No ar desde 1990, o Globo Ecologia é resultante de uma parceria entre a Rede Globo e a Fundação Roberto Marinho, com o objetivo de levar matérias que abordem questões ambientais brasileiras. Mostrando problemas e exemplos de preservação dos cenários naturais, veiculando um conteúdo fortemente voltado para a Educação Ambiental, o programa apresenta um formato que reúne jornalismo e aventura, salientando a importância do meio ambiente para a biodiversidade e para a manutenção da qualidade de vida de todas as espécies.

O Globo Ecologia evidencia, ainda, como as comunidades e empresas estão tomando consciência da importância da preservação ambiental, dentro de uma filosofia de sustentabilidade econômica e social, difundindo exemplos construtivos para as comunidades sociais e empresariais. Também são

exibidas iniciativas da sociedade civil e de órgãos do governo para reparar danos ambientais e para aplicar programas de conscientização e de inclusão social, através do uso de conceitos de cidadania, apoio à geração de renda e assistência técnica à industrialização sustentável e ao cooperativismo, dentro de comunidades carentes.

O programa é exibido pela Rede Globo de Televisão, e pela RBS-TV, aos sábados, às 6:40 horas, além de também ser mostrado pelo Canal Futura e pela Globonews; e ser cedido para veiculação nas emissoras educativas regionais.

### **2.5.2 Globo Rural**

O programa Globo Rural não é específico sobre temas ambientais. Segundo a própria Rede Globo de Televisão, descreve em seu sítio na Internet, o programa foi lançado em função da significativa eletrificação do campo, ocorrida nos anos 70, que levou a televisão para o homem do interior. Segundo a Rede Globo, *“baseado nesses dados, o departamento de marketing e comercialização da Globo achou que caberia na programação um produto voltado para o campo. A encomenda foi feita ao departamento de jornalismo, que então criou o Globo Rural. (...) Não havia, nos intervalos comerciais, anunciantes de insumos, ferramentas, medicamentos ou prestadores de serviço destinados ao campo.”* (Rede Globo, 2004).

Um outro indício da visão comercial na que se fundamenta o programa reside no que explicita a emissora, em seu sítio eletrônico: *“As fronteiras agrícolas se expandiam com a domesticação dos cerrados para o moderno cultivo de grãos. Novos produtos, soja e laranja principalmente, entravam firme na pauta de exportações.”* (Rede Globo, 2004)

A expressão “domesticação dos cerrados”, claramente denota uma visão nada ambientalista e puramente econômica do programa, que combinava com os objetivos que fundamentaram sua criação.

No entanto, ao longo dos anos, o Globo Rural adquiriu marcantes características educacionais, com reportagens que esclarecem e ensinam seu público, não apenas para a produtividade e a lucratividade, mas para uma sustentabilidade vital, tanto para a o meio ambiente como para o agronegócio. O Globo Rural tem se dedicado a mostrar para os brasileiros como estão sendo realizadas as melhores práticas em manejo da terra e dos recursos, considerando a importância dos aspectos ambientais e da preservação dos ecossistemas e mananciais naturais.

Desde as primeiras grandes reportagens, abordando os aspectos ambientais do Pantanal, de Mato Grosso e os povoados às margens do Rio São Francisco, o Globo Rural conquistou, além de prêmios jornalísticos, uma significativa acolhida por parte dos telespectadores, inclusive os de perfil urbano, nas grandes cidades. Isto lhe valeu a ampliação de sua duração, de trinta minutos para uma hora, com apenas seis meses desde que começou a ser exibido. A partir de 9 de outubro de 2000, o Globo Rural passou a ser transmitido também de segunda a sexta-feira, ao vivo e em rede, às 6:30 horas.

### **2.5.3 Globo Ciência**

O programa Globo Ciência, produzido pela Fundação Roberto Marinho, foi lançado em outubro de 1984, indo ao ar todos os sábados, pela manhã. O programa visa, num primeiro momento, aproximar o conhecimento científico do cidadão comum; ou seja, torná-lo próximo do telespectador.

Segundo Barca (2004), um estudo encomendado ao Instituto Gallup pelo Ministério da Ciência da Tecnologia, há quinze anos, revelou que sete em cada dez brasileiros se interessam por descobertas científicas. Ainda segundo o estudo, dois terços da população esperavam, à época, que os meios de comunicação apresentassem noticiários mais consistentes e reflexivos acerca dos avanços e descobertas da ciência, e seus reflexos na vida cotidiana.

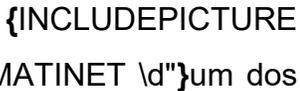
Isso pode explicar a permanência do programa Globo Ciência no ar, há quase vinte anos, apesar da contradição entre seus objetivos, a linguagem que utiliza e o horário em que é veiculado; antes das sete horas da manhã, aos sábados.

O Globo Ciência não é, efetivamente, um programa de educação ambiental. No entanto, algumas de suas edições tratam, especificamente, de temas ambientais, como foi o caso da edição que abordou a reciclagem de lixo como uma solução para a diminuição do desperdício de matéria-prima e como redutor de poluição atmosférica; ou da edição que abordou a Geologia como importante ferramenta para o entendimento da evolução do homem na Terra.

O Globo Ciência conquistou diversos prêmios internacionais e nacionais de qualidade em televisão, sendo um dos mais importantes o Prêmio José Reis de Divulgação Científica, do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

#### **2.5.4 Globo Repórter**

O Globo Repórter foi ao ar pela primeira vez em abril de 1973. Contando com mais de 31 anos de história, o programa é um marco no jornalismo brasileiro, inaugurando uma forma de jornalismo que comunica fatos que antes se mantinham restritos ao meio científico. O Globo Repórter,

com seus documentários que se caracterizam por mesclar o que é científico com o que é cultural, conseguiu alcançar uma situação em que a televisão não educa em troca de diplomas; não educa porque o público tem que assistir aos programas; educa porque o seu público quer assistir aos programas, e, por isso, é um educando ativo. Segundo o sítio eletrônico da Rede Globo, o Globo Repórter é um dos programas jornalísticos mais assistidos na televisão brasileira, com cerca de 30 milhões de telespectadores todas as semanas.

O programa não é especificamente de cunho científico ou cultural, mas sim, marcadamente jornalístico, abordando diferentes temas, como corrupção, violência, folclore, política e cultura internacionais, entre outros.

O Globo Repórter, no entanto, apresentou diversas edições que abordaram questões ambientais, e ainda, com um mérito notável, que é o de associá-las às questões sociais e econômicas, propiciando uma visão abrangente, realística e atual da temática ambiental.

O Globo Repórter vai ao ar às sextas-feiras, no horário de 21h45m. O programa tem duração de 45 minutos e é dividido em cinco blocos.

### **2.5.5 Telecurso 2000**

O programa Telecurso foi ao ar pela primeira vez em 1978, produzido pela Fundação Roberto Marinho e pela Fundação Padre Anchieta. O Telecurso é um método de ensino supletivo que pratica a educação formal pela televisão, alcançando seu público nas mais remotas localidades, e abrindo oportunidades de aprendizado onde a estrutura educacional do Estado se revela incapaz de atender.

Na verdade, este tipo de iniciativa não é primazia da Fundação Roberto Marinho, nem da Fundação Padre Anchieta. A TV Cultura, de São Paulo, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação já haviam criado uma experiência de ensino através da Televisão, com um telecurso que preparava os candidatos ao exame de admissão ao ginásio (5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série). Posteriormente, a novela João da Silva, apresentada pela própria Rede Globo, também cumpriu um importante papel de educação pela televisão.

No entanto, o Telecurso notabilizou-se por sua melhoria contínua e pelos resultados que alcançou. Seu público pode assistir às aulas em suas residências, ou em Telessalas, montadas por organizações interessadas no desenvolvimento dessas pessoas.

Atualmente apresentado pela Rede Globo, pelo canal Futura e pelas emissoras associadas à Rede Globo, o Telecurso é resultante da parceria da Rede Globo com a Federação das Indústrias de São Paulo – FIESP. O programa passou a chamar-se Telecurso 2000, e é o maior projeto de educação à distância no Brasil, com cerca de 8.000 turmas funcionando simultaneamente em todos os estados do país (Telecurso 2000, 2004) , além dos alunos domiciliares.

Os conteúdos do Telecurso 2000 são semelhantes aos das escolas presenciais, próprios ao ensinosa fundamental e médio, caracterizados, inclusive, pela transversalidade dos temas em relação à Educação Ambiental. Os alunos do Telecurso 2000 podem, ainda, participar do curso profissionalizante de mecânica e dos cursos extras de Educação Artística, Educação para o Esporte e Educação Ambiental.

### 3. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi aplicada na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, utilizando a metodologia descrita a seguir.

#### 3.1 Método

O método utilizado para pesquisar a adequação da programação que veicula temas ambientais, às preferências específicas dos telespectadores da RBS-TV, constituiu-se por aplicação de pesquisa quantitativa, utilizando técnicas estatísticas para quantificar informações a partir de amostras e obter projeções matemáticas sobre um determinado universo.

Segundo Trujillo (2001), *as pesquisas quantitativas trazem menos informações, de mais pessoas, as quais representam o universo com uma confiança conhecida.*

Na página eletrônica do Núcleo de Pesquisas Municipais – NOPIM – que apresenta informações básicas sobre pesquisas, encontramos a seguinte colocação, embasando o método pelo qual se optou:

“o resultado de uma pesquisa realizada com uma amostra de 200 questionários, pode ser projetado para uma população de dez mil habitantes. Isto significa que um entrevistado corresponde a dezenas, centenas ou milhares de outros entrevistados que não foram pesquisados, a depender do universo ou tamanho da amostra.” (NOPIM, 2004)

Stevenson (1981, p.159) apresenta algumas vantagens do uso da amostragem:

- Tamanho da população: uma população infinita torna o censo inviável.

- Capacidade de atualização da amostra: o estudo de uma população por completo, demanda tempo, levando à perda de utilidade pela defasagem das informações.
- Testes destrutivos: quando os itens examinados são destruídos pelo experimento, a aplicação do censo levaria ao extermínio toda a população. Ex.: testes com munição.
- Custo do censo: Se a população é grande, o custo pode ser proibitivo.
- Precisão: a amostragem envolve um número menor de pessoas e conseqüentemente há maior possibilidade de coordenação e controle, diminuindo a chance de erros. (Stevenson, 1981, P.160)

O NOPIM ainda postula, sobre a obtenção da amostra:

“A amostra é extraída a partir de dados previamente conhecidos, como o Censo Demográfico, anuários estatísticos, listas telefônicas, bancos de dados, etc., onde estão sistematizadas informações acerca da população, usuários, clientes, etc., em um determinado estado ou município, como, por exemplo, faixa etária, número de pessoas por sexo, localidade de residência, raça, etc. (NOPIM, 2004)

Levando em conta a notória especialização do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística – IBGE – em pesquisas, foi solicitado a este que fornecesse dados para o cálculo de obtenção da amostra adequada.

As informações cedidas pelo IBGE constam em documento reproduzido nos anexos deste volume. A partir delas, foi possível abstrair um número de pessoas para responder ao questionário, bem como a segmentação adequada por tipo de pessoas.

O questionário utilizado contém espaços para informações sobre identificação, idade, sexo e qualificação econômico-cultural. Especificamente sobre as perguntas que são objeto da pesquisa, constam duas do tipo *com matriz de resposta*, havendo um quadro facilitador para a

resposta do entrevistado, que pôde optar por mais de uma resposta. Também consta uma *pergunta semi-aberta*, onde o entrevistado responde a uma alternativa da pergunta fechada e em seguida complementa a resposta dada, e uma *pergunta aberta*, através da qual o entrevistador emite opinião sobre o que pensa, livremente.

É importante salientar que o universo investigado foi o público urbano e adulto de Santa Maria, compreendido de pessoas de residência fixa na área urbana do município e com idade superior a dezoito anos.

### **3.2 – Definição da amostra**

Segundo o Censo Estatístico 2000-2001, do IBGE, a população total do município era de 243.611 habitantes, à época.

Conforme informado pelo IBGE, em carta anexada a este trabalho, a população com idade acima de 18 anos totalizava 158.789 pessoas, na época deste Censo.

No entanto, em 01 de julho de 2003, o IBGE estimou a população de Santa Maria como sendo de 254.640 pessoas. Considerando essa informação, calcula-se que o acréscimo percentual foi de 4,52 por cento, em relação ao Censo Demográfico 2000-2001.

É óbvio que o percentual sobre o acréscimo populacional não é exatamente o mesmo que se aplicará à população adulta. No entanto, diante da inexistência da informação exata, considerar-se-á, para efeitos dessa pesquisa, a população adulta de Santa Maria a partir do mesmo incremento de 4,52 por cento sofrido pela população total, ou seja, como sendo uma população de 165.966 pessoas.

Segundo o NOPIIM (2004), *“definido o universo estabelece-se a amostra. Esta é a microparte de um universo e possui todas as*

*características da realidade social, política ou econômica daquela ou pelo menos os mais preponderantes fatores que a compõem.”* Tomando esta afirmação como base, é preciso levar-se em consideração que, para aproximar-se da realidade local, a pesquisa deve ser aplicada respeitando, pelo menos por aproximação, os percentuais etários, sociais e de gênero contidos na população adulta de Santa Maria.

Assim, buscou-se manter em percentuais próximos a amostra da diversidade etária, social e sexual que compõe a população adulta de Santa Maria.

Com base nas afirmações anteriores, foi utilizada uma amostra de 400 indivíduos, sendo 231 mulheres e 169 homens, com idades entre 18 e 72 anos, entrevistados em bairros com diferentes perfis sócio econômicos, como o Centro, Itararé, Nossa Senhora das Dores, Camobi, UFSM, Cohab Fernando Ferrari e Vila Schirmer.

Em relação ao número que compõe a amostra, é fato conhecido que entidades de pesquisa, para mensurar tendências eleitorais e em outras pesquisas de opinião, fazem uso de amostras de 2000 pessoas, em cidades com mais de dez milhões de habitantes, como o Rio de Janeiro e São Paulo, com pequenas margens de erro. Destarte, Trujillo (2001, p.67) afirma que *“mais importante do que o tamanho das amostras é o método de seleção dos respondentes”*.

### **3.3 – Coleta dos dados**

O trabalho de coleta de dados foi realizado por quatro pessoas, sendo três voluntários, orientados de igual forma sobre os objetivos do questionário. Os entrevistadores entregaram os formulários para serem preenchidos pelos pesquisados, com acompanhamento dos entrevistadores, esclarecendo a

todos as questões que aceitavam mais de uma opção de resposta. Foram orientados a somente obter a participação de pessoas que afirmassem residir, efetivamente, em Santa Maria; especialmente porque a cidade tem grande população flutuante.

As abordagens foram realizadas nas ruas do Centro e também nos bairros de Camobi, Vila Schirmer, Itararé, UFSM, Cohab Fernando Ferrari e Nossa Senhora das Dores, por apresentarem diferentes configurações sócio-econômicas. As pessoas que responderam ao questionário foram escolhidas nas ruas, estabelecimentos comerciais e entidades escolares.

## 4. RESULTADOS

### 4.1 Os programas que o público prefere

Perguntou-se a homens e mulheres: *dos programas da RBS/TV que mostram temas relacionados ao meio ambiente, seu preferido é:*

Diante das opções Globo Ecologia, Globo Ciências, Globo Repórter, Globo Rural e Telecurso 2000, os 169 homens e as 213 mulheres responderam com os percentuais a seguir.

a) As mulheres preferem, como veículo de educação ambiental:

QUADRO 1 – Preferência feminina em relação a programas

PERCENTUAL	PREFERÊNCIA
79,9 %	GLOBO REPÓRTER
25,7 %	GLOBO RURAL
14,9 %	GLOBO ECOLOGIA
5,2 %	GLOBO CIÊNCIA
3,9 %	TELECURSO 2000

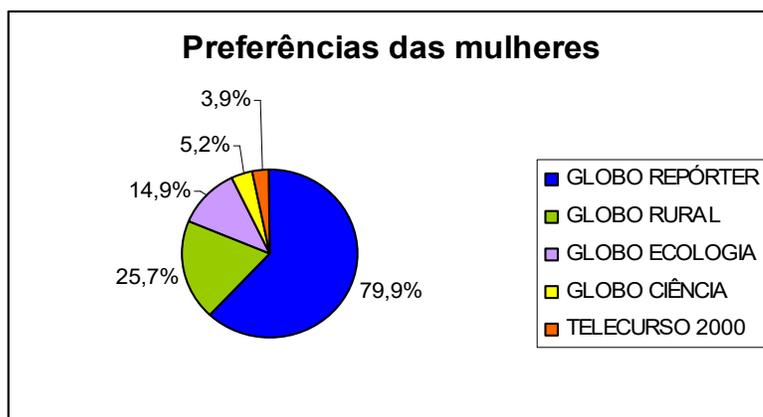


Figura 1 - Preferência feminina em relação a programas

b) Os homens preferem, como veículo de educação ambiental:

QUADRO 2 – Preferência masculina em relação a programas

PERCENTUAL	PREFERÊNCIA
68 %	GLOBO REPÓRTER
45,5 %	GLOBO RURAL
11,8 %	GLOBO ECOLOGIA
9,4 %	GLOBO CIÊNCIA
7,6 %	TELECURSO 2000

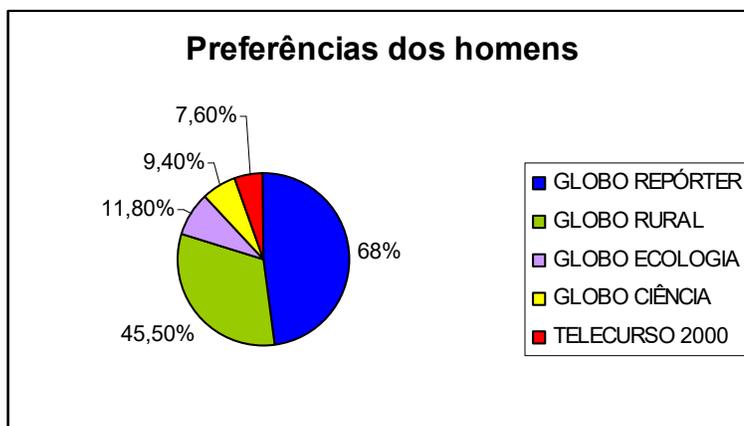


Figura 2 - Preferência masculina em relação a programas

Percebe-se que homens e mulheres preferem o programa Globo Repórter como veículo de educação ambiental pela televisão, mesmo sendo este um programa jornalístico que trata deste tema eventualmente.

Homens e mulheres preferem, em segundo lugar, o programa Globo Rural como veículo de educação ambiental. Este programa aborda questões

ambientais e educa para a sustentabilidade, mas não é um programa exclusivo de educação ambiental. Seu principal foco é o agronegócio.

O programa Globo Ecologia só vai aparecer em terceiro lugar, na preferência dos telespectadores. O Globo Ecologia é um programa jornalístico que tem como temática principal o meio ambiente suas inter-relações, o impacto da ação do homem sobre este, iniciativas de produção baseadas na sustentabilidade e as ações da sociedade em prol da melhoria, conservação e/ou recuperação da qualidade ambiental. Em síntese, é um programa de educação ambiental

Os programas Globo Ciência e Telecurso 2000 detêm menores índices de preferência como veículos de Educação Ambiental. Há que se levar em consideração, no entanto, os horários nos quais são exibidos.

Foi facultados aos respondentes assinalarem mais de uma preferência, a fim de se evitar que as respostas dos pesquisados fossem comprometidas pelo método utilizado.

#### **4.2 Os programas que o público gosta, mas não pode assistir**

Respondendo à seguinte pergunta: *“Entre esses programas, há algum que você goste, mas que não assiste porque o horário é inadequado / incompatível com seus hábitos ou compromissos?”*, obteve-se os seguintes resultados:

- 59,7 % das mulheres responderam que sim.
- 49,7 % dos homens responderam que sim.

QUADRO 3 – Programas em horários inadequados

Mulheres	Homens	Gostam, mas não assistem porque o horário em que são exibidos é incompatível / inadequado
29,4 %	21,8 %	Globo Ecologia
23,8 %	21,3 %	Globo Rural
16 %	13 %	Globo Ciências
9 %	12,4 %	Telecurso 2000
5,6 %	6,5 %	Globo Repórter

\* (Percentuais sobre o total dos que disseram sim e os que disseram não)

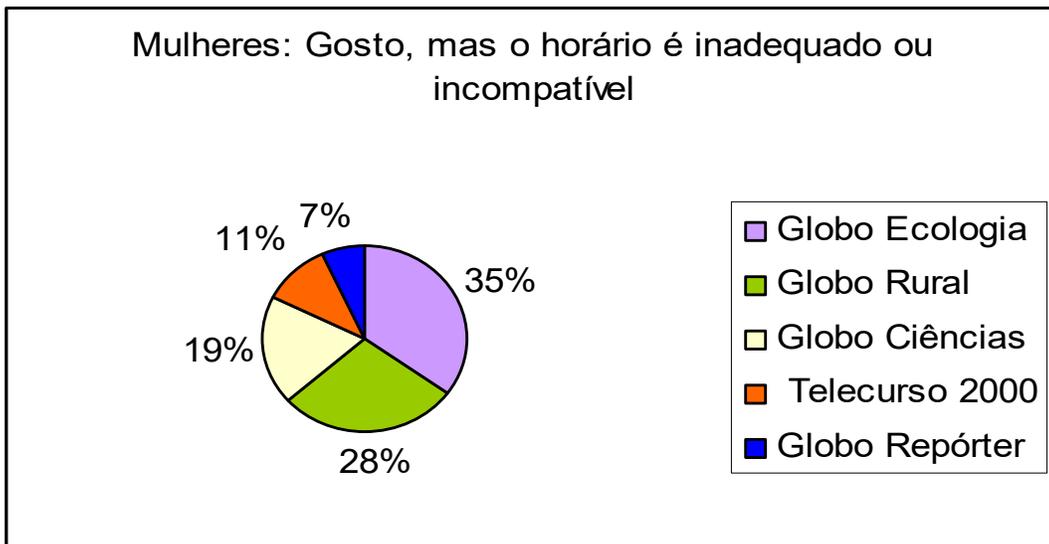


Figura 3 – Horários inadequados, na opinião das mulheres

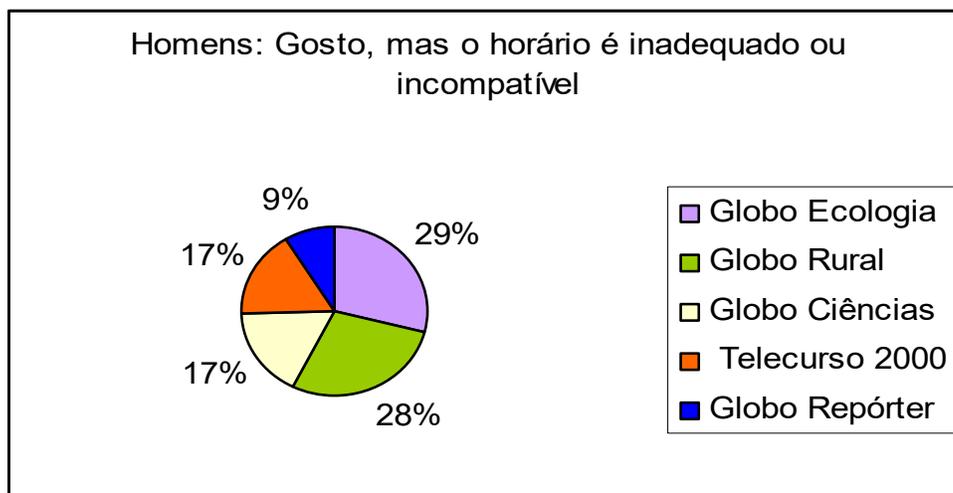


Figura 4 – Horários inadequados, na opinião dos homens

Nessa perspectiva, percebe-se que quase trinta por cento das mulheres entrevistadas gosta do programa Globo Ecologia, mas não o assiste porque o horário em que é exibido é incompatível com seus hábitos ou compromissos.

Da mesma forma, mais de um quinto dos entrevistados, mulheres e homens, gostam do programa Globo Rural, mas não podem assisti-lo por seu horário de exibição ser-lhes inadequado.

O programa Globo Ciências também apresenta um significativo público potencial, frustrado em função da incompatibilidade com os horários de sua exibição.

#### 4.3 Alternativas e oportunidades da Educação Ambiental pela TV

Foi apresentada ao público pesquisado a seguinte pergunta: *“Em que outros programas da RBS-TV você gostaria que fossem veiculadas*

*mensagens e informações acerca de questões ambientais / educação ambiental ?”*

O objetivo dessa pergunta foi apurar quais as alternativas de veiculação de conteúdo educador ambiental, de acordo a preferência dos telespectadores.

Das 231 mulheres entrevistadas, 97 se abstiveram de opinar. Entre as que opinaram – 134 – aferiu-se o seguinte:

QUADRO 4 – Alternativas de veiculação - mulheres

Na opinião de % das mulheres	Programas da RBS-TV que devem veicular Educação Ambiental
28,3 %	Jornal do Almoço
24,6 %	Novelas
14,9 %	Em todos os telejornais
11,9 %	RBS Notícias
11,9 %	Patrola
8,2 %	Em programas infantis

É importante salientar que os entrevistados puderam indicar mais de um programa como opção de veiculação de conteúdo de educação ambiental. No caso das mulheres, o programa mais indicado para veicular estes temas foi o *Jornal do Almoço*, seguido das *novelas*.

Dos 169 homens entrevistados, 62 se eximiram de opinar. Dos 107 que opinaram, aferiu-se:

QUADRO 5 – Alternativas de veiculação - homens

Na opinião de % dos homens	Programas da RBS-TV que devem veicular Educação Ambiental
33,6 %	Jornal do Almoço
17,7 %	Novelas
15,8 %	RBS Notícias
10,2 %	Jornal Nacional
9,3 %	Em todos os telejornais
6,5 %	Bom Dia Rio Grande

De igual forma às mulheres, os homens entrevistados também apontam, principalmente, o *Jornal do Almoço* e as *novelas* como alternativas para veiculação de educação ambiental pela televisão.

#### **4.4 Dias e horários para educação ambiental: a preferência do público**

A última pergunta do questionário visa determinar quais os horários e dias preferidos pelo público adulto de Santa Maria para veiculação de programas com conteúdo educador ambiental. Dessa forma, foi perguntado aos entrevistados: *“Na sua opinião, quais os horários mais adequados/agradáveis para a RBS-TV veicular programas que tenham como conteúdo as questões sobre o meio ambiente?”*

Atribuindo-se um ponto para cada “X” assinalado no quadro de respostas do questionário, foram aferidos os seguintes resultados:

a) Todas as mulheres pesquisadas opinaram, gerando esta pontuação:

QUADRO 6 – Dias/horários ideais para Educação Ambiental na TV - mulheres

Dias da semana	Faixa de horário (horas)	Pontuação
QUINTA	18 e 22	60
QUARTA	18 e 22	58
TERÇA	18 e 22	56
SEGUNDA	18 e 22	55
SEXTA	18 e 22	55
DOMINGO	18 e 22	52
SEGUNDA	12 e 14	52
SÁBADO	18 e 22	51
DOMINGO	10 e 12	51
DOMINGO	14 e 18	50

Percebe-se que o horário compreendido entre 18 e 22 horas é o preferido pelas mulheres para que a RBS-TV veicule programas com conteúdo temático ambiental. A quinta-feira, com ligeira diferença, foi o dia mais pontuado para essa veiculação, dentro da referida faixa de horário.

Saindo dessa faixa de horário, o público pesquisado apontou as segundas-feiras, no horário compreendido entre 12 e 14 horas como adequado para a veiculação de educação ambiental pela RBS-TV. Seguiram-se as indicações de sábados, entre 18 e 22 horas, domingos, entre 10 e 12 horas, e domingos, entre 14 e 18 horas.

b) Todos os homens pesquisados opinaram, da seguinte forma:

QUADRO 7 – Dias/horários ideais para Educação Ambiental na TV - homens

Dias da semana	Faixa de horário (horas)	Pontuação
SEGUNDA	18 e 22	56
QUARTA	18 e 22	54
SEXTA	18 e 22	54
TERÇA	18 e 22	51
QUINTA	18 e 22	51
SÁBADO	18 e 22	43
DOMINGO	14 e 18	42
SEGUNDA	12 e 14	38
TERÇA	12 e 14	37
SÁBADO	14 e 18	37

O horário mais indicado pelos homens para que a RBS-TV veicule programas de conteúdo ambiental fica compreendido entre 18 e 22 horas, com ligeira preferência para as segundas. Em outra faixa de horário, os homens apontaram o domingo, entre 14 e 18 horas, como sendo o mais adequado para que a emissora exiba programas com temática ambiental.

## 5. CONCLUSÕES

### 5.1 Sobre as preferências do público

A partir dos resultados torna-se notória a preferência do público pelo programa Globo Repórter, como veículo de educação ambiental pela RBS-TV. No entanto, considerando que este não é um programa exclusivo sobre educação ambiental, e levando em conta a preferência dos telespectadores pela faixa de horário compreendida entre 18 e 22 horas, o chamado *horário nobre*, é plausível crer que essa preferência se deva não apenas à qualidade do programa, que apresenta também outras temáticas, mas ao horário em que este é levado ao ar.

Por ser pertinente a um horário de maior audiência, o Globo Repórter tem maior repercussão como educador ambiental, do que o Globo Ecologia, que tem essa função, mas que é exibido aos sábados, antes das sete da manhã, horário de limitada audiência na televisão.

De igual forma percebe-se que o público apresenta significativa preferência pelo Globo Rural, para tratar de questões ambientais. No entanto, este programa também não é especificamente focado nas questões ambientais, estando mais associado à temáticas agrícolas e pecuárias, sob abordagens do agronegócio.

Há que se considerar, também, que se por um lado o Globo Ecologia só aufere 14,9 % e 11,8 % de preferência, respectivamente de mulheres e homens, por outro, deixou de ser mensurado o número de pessoas que sequer conhece o programa, em virtude de seu horário. Dessa forma, pode-se abstrair que parte do público fica impossibilitado de optar pelo Globo Ecologia como preferência em educação ambiental pela televisão.

## **5.2 Sobre os programas que o público gosta, mas não pode assistir**

Entre as mulheres, 59,7% afirmam que há programas que veiculam Educação Ambiental que elas não assistem em virtude dos horários de suas exibições serem inadequados ou incompatíveis com seus hábitos ou compromissos. 29,4% das 231 mulheres entrevistadas afirmaram que gostam do Globo Ecologia, mas que não o assistem em função de seu horário.

Essa afirmação oportuniza lembrar que existe um não mensurado número de mulheres que não têm preferência por este programa simplesmente porque não o conhecem. E não o conhecem pelo fato do horário ser inadequado ou incompatível com seus hábitos e compromissos.

De igual forma ocorre com 21,8 % dos homens, em relação ao Globo Ecologia, e com os entrevistados em geral, em especial em relação ao Globo Ciência e ao Telecurso 2000.

São muitas as pessoas que gostam desses programas, mas que não conseguem ou não podem vê-los. De igual forma, podem ser muitas as que não têm sequer conhecimento de suas qualidades ou mesmo de suas existências.

## **5.3 Alternativas para a Educação Ambiental na RBS-TV / Globo**

Tanto as mulheres como os homens afirmam que gostariam que o *Jornal do Almoço* e as *novelas* veiculassem mensagens e informações acerca de questões ambientais.

Percebe-se também significativa preferência por indicações como o *RBS Notícias*, *Todos os telejornais* e pelo *Jornal Nacional*.

Estes estão entre os programas de maior audiência dentro da RBS-TV, e o fato dos entrevistados crerem que eles devem veicular mensagens e informações acerca do meio ambiente retrata a importância que o público confere ao tema. O significativo fato de apontarem os telejornais como veículos de educação ambiental denota a seriedade com que as pessoas encaram o assunto; enquanto que a indicação das novelas, denota sua disposição em fazer com que o assunto abranja o maior número de pessoas.

Exibindo temáticas ambientais em programas que vão ao ar em horários de menor audiência, a RBS-TV não apenas é insípida na formação de uma cultura pró-ambiental como, ainda, contraria a expectativa de seu público adulto, em Santa Maria.

#### **5.4 Educação ambiental em horários não-marginais**

Ao contrário do que pratica a RBS-TV, o público pesquisado não deseja que a Educação Ambiental e que programas educativos sejam exibidos nos horários matutinos, como vem sendo feito.

A opinião de mulheres e homens quanto a dias da semana é bastante diferente. No entanto, em relação ao horário, a maioria sugeriu a faixa de horário compreendida entre 18 e 22 horas, durante a semana, como mais adequada e agradável para exibição de temas e questões relacionados ao meio ambiente.

Os horários que menos receberam indicação, na preferência do público pesquisado, incluem justamente aqueles em que estes programas são exibidos, tradicionalmente, pela RBS-TV.

Dessa forma, a educação ambiental e outras oportunidades de educação são veiculadas exatamente no horário em que o público não quer que elas sejam exibidas.

## 5.5 A televisão fora da lei

Em Moran *apud* Carneiro (2001) encontramos um entendimento de que os meios de comunicação são como uma espécie de segunda escola, paralela à convencional:

“(...) os meios são processos eficientes de educação informal, porque ensinam de forma atraente e voluntária. Ninguém é obrigado, ao contrário da escola, a observar, julgar e agir, tanto individualmente como coletivamente.”  
(Moran *apud* Carneiro,2001)

Essa afirmação reforça a noção de que os meios de comunicação, em especial a televisão, têm um enorme potencial para promover a educação, necessária ao desenvolvimento social, e fundamental para a formação de uma consciência cidadã. Em especial em relação à Educação Ambiental, as possibilidades da televisão são muito grandes, tendo em vista a excelente qualidade dos premiados programas Globo Ecologia, Globo Ciências, Telecurso e Globo Rural.

A televisão é, por disposição constitucional, obrigada a dar preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas, conforme determina o artigo 221 da Constituição Federal de 1988.

De fato, o quinhão educativo da programação que a RBS-TV e a Rede Globo são obrigadas a veicular, elas veiculam. Mas o horário marginal na qual elas o fazem demonstra que educação, para elas, é realmente uma questão de obrigação, nada há de ideológico.

A qualidade da programação exibida pela RBS-TV atende aos interesses dos anunciantes e de *indústrias do sucesso*, e não os da sociedade. Berno (2004) reforça esse ponto de vista, quando afirma sobre a televisão:

(...) Transformam grupos como o “É o Tchan!” em celebridades nacionais, quando a única contribuição deste é mostrar *bundas* em letras de muitos sentidos onde se manda ralar e esfregar a *tcheca*, que acabam por erotizar a criança, que vê em seus “ídolos” a sua identificação de sucesso. (Berno, 2004)

Ora, se a informação banal e o entretenimento são exibidos nos chamados horários nobres, enquanto que os programas educativos são isolados na programação matutina, de baixa audiência, então não existe, de forma alguma, prioridade para a educação, na televisão. E isso não se trata apenas de não ser ideologicamente correto. Trata-se de não estar cumprindo, adequadamente, a lei.

É preciso que os dirigentes das emissoras de televisão, no Brasil, vençam seus preconceitos, que os faz acreditar que a pobreza e as desigualdades sociais existentes no Brasil fazem do povo brasileiro um mero alienado em busca do ópio do entretenimento. Pelo contrário; as crises sociais e ambientais nas quais a maioria do povo está imersa oportunizam e requerem uma televisão voltada para a melhoria da sociedade e de seus agentes. O tempo de sonhar com os jovens galãs da televisão já passou. É hora de sobreviver, e para isso é preciso estar preparado. A parte do público que ainda não sabe disso, precisa saber; e essa é uma das responsabilidades da televisão brasileira, tanto pelo aspecto legal quanto pelo ético.

## **5.6 As oportunidades ambientais da RBS-TV: propostas**

Diante do grave quadro de problemas ambientais que assolam o mundo, os esforços por uma educação ambiental tornam-se menos eficazes, frente ao desafio de superar a cultura contra-ambiental na qual as

sociedades mundiais estão inseridas. Trata-se de ter que criar um cenário cultural, para nele educar. É no mínimo uma invasão cultural tentar adestrar para atitudes pró-ambientais, pessoas que vivenciam e respiram uma cultura de consumo que não se identifica em nada com a sustentabilidade que se anda pregando.

As oportunidades da RBS-TV e das outras emissoras do país residem em contribuir para a criação de uma cultura ambiental, que ofereça suporte a uma educação pró-ambiental, e que possa ter, pelo menos, as mesmas oportunidades de veiculação que os outros programas de televisão, saindo da condição de programas relegados aos horários *que sobram*.

Dentro da cultura da racionalidade ambiental existem, perfeitamente, oportunidades comerciais para uma emissora de televisão. Somente dentro da ignorância ocorrerão os discursos anti-consumo, anti-produção e sectários. Uma sociedade educada tenderá a saber que não se trata de não consumir, mas sim de consumir e produzir com sustentabilidade. Do contrário, eximir-se diante da precariedade das condutas sociais e produtivas, encerrando-se de modo obtuso na velha fórmula de criar entretenimentos e sonhos, colorindo a miséria e a destruição causados pelo homem, é compactuar com a deterioração dos fatores culturais, sociais e econômicos que culminam com impactos maiores ao meio ambiente e à vida, de uma forma geral. E isso poderá gerar problemas futuros até para as próprias emissoras.

Diante disso se propõe à RBS-TV um maior engajamento na criação de uma cultura pró-ambiental. Isso não se dará apenas com ações pontuais, como campanhas pelas árvores, pela separação do lixo, ou do dia das crianças plantarem flores, etc. Dar-se-á com a revalorização da educação e do empenho dos meios de comunicação de massa em contribuir para formar uma sociedade crítica, ciosa e participativa.

A RBS-TV tem tudo para romper com a mediocridade ideológica da televisão no Brasil e inovar, exibindo programas como Globo Ecologia, Globo Ciências, Globo Rural, Globo Repórter e Telecurso em horários nos quais eles terão maiores chances de serem assistidos, subsidiando assim a transformação, para melhor, da sociedade. Não é necessário esconder do público, alocando-os para os horários matutinos, os outros programas de entretenimento. Basta dividir os horários com os programas que educam, iniciando assim o fim do ciclo de marginalização da educação na televisão brasileira.

## **5.7 Sugestões para novos trabalhos**

É comum que, ao concluir-se um trabalho de pesquisa, perceba-se as oportunidades que não foram aproveitadas, ao longo da execução deste trabalho. Este fato, se por um lado causa uma sensação de desperdício de chances, por outro, apura a percepção do pesquisador no sentido de ser mais profundo e relacional, nas novas oportunidades.

Reproduzindo esta experiência em outros municípios de expressão populacional, pode-se, por exemplo, aferir se os entrevistados conhecem, efetivamente, os programas educativos que são exibidos pela manhã, bem cedo. Muitas das pessoas que responderam a esta pesquisa, provavelmente, deixaram de opinar sobre este ou aquele programa simplesmente por não conhecê-lo. E não conhecer um programa de televisão, especialmente em se tratando da RBS-TV/Globo, pode revelar inúmeras implicações, a serem estudadas.

Igualmente interessante poderia ser uma pesquisa que revelasse, na opinião do público, quais os programas que prestam um desserviço à sociedade, e quais deles poderiam ou deveriam ser substituídos por

programas que abordassem temáticas ambientais ou outros temas educacionais. Afinal, como afirma Kroker (*apud* Marcondes Filho, 1994) “(...) *na cultura pós-moderna, não é a tevê que é o espelho da sociedade, mas exatamente o contrário: é a sociedade que é o espelho da tevê.*” Que seja, então, a televisão, o melhor dos exemplos para espelhar uma sociedade racional, saudável e sustentável.

## Bibliografia

ALBERGUINI, A. C. **Sem título**. [on line]. [cited 28/10/2003] Disponível em <http://www.unimesp.edu.br>.

AMBIENTE BRASIL. **Conceito**. [on line] [cited 14/06/2004] Disponível em [www.<URL:http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./educacao/index.php3&conteudo=./educacao/educacao.html>](http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./educacao/index.php3&conteudo=./educacao/educacao.html)

ARAÚJO, M.C. & ARAÚJO, L. M. Educação ambiental e cidadania. Santa Maria. **Ciência e Ambiente**. Ed. UFSM: Ed. UNIJUÍ. nº 8, p. 81-90, 1998.

BARBOSA, C. **Conceitos em Educação Ambiental**. [on line] [cited 20/06/2004] Disponível em:  [<URL:http://www.refugioambiental.com.br/conceitos\\_de\\_educacao\\_ambiental.htm>](http://www.refugioambiental.com.br/conceitos_de_educacao_ambiental.htm)

BARCA, L. **Ciência e Comunicação na TV Comercial: 14 anos do Programa Globo Ciência**. . [on line] [cited 03/08/2004] Disponível em:  [<URL:http:// http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/093.pdf >](http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/093.pdf)

BERNO, G. **Televisão, Educação e Sociedade: uma visão crítica**. Biblioteca on-line de ciências da comunicação. [on line] [cited 20/07/2004] Disponível em:  [<http://www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=berno-geovani-televisao-sociedade.html>](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=berno-geovani-televisao-sociedade.html)

BRUGGER, P. **A Educação Ambiental 20 Anos após Tbilisi**. In: Simpósio Brasileiro de Educação Ambiental, Rio de Janeiro, 1997.

CANAL FUTURA. **Globo Ecologia**. [on line] [cited 18/07/2004] Disponível em:  [<URL:{ HYPERLINK http://www.futura.org.br/globoecologia/default.asp?P=42 }>](http://www.futura.org.br/globoecologia/default.asp?P=42)

CARNEIRO, M. A. & TOMAZELLO, M. G. A televisão e a Educação Ambiental informal: O programa Repórter Eco/TV Cultura. Rio Grande. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. UFRG,RS. vol.07, 2001.

DÍAZ, A. P. **Educação Ambiental como projeto**. Porto Alegre, RS. Artmed Editora, 2002.

DIESEL, V. Educação ambiental: um tema démodé?. Santa Maria. **Ciência e Ambiente**. Ed. UFSM: Ed. UNIJUÍ. nº 8, p. 35-52.

DONEL, F. **A importância da Educação Ambiental para uma melhor formação do indivíduo dentro da concepção social e organizacional**. Santa Maria: UFSM, 2002. 96p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Maria. 2002.

FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ. Nova Fronteira, 1993.

GEORGEN, P. **Apresentação**. In: Epistemologia da Pesquisa em Educação. Campinas, São Paulo. Praxis, 1996.

IBGE. **Cidades**. [on line]. [cited 17.08.2004] Available from <URL:http://http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>

LEITE, M. **A contribuição do jornalismo científico ao desenvolvimento científico brasileiro**. [on line] [cited 20/07/2004] Disponível em: <URL:http://jornalismocientifico.com.br/artigomarceloleitebrasil.htm>

MARCONDES FILHO, C. **Televisão**. São Paulo. Scipione, 1994.

MINNINI-MEDINA, N. & LEITE, A. L. T. **Educação Ambiental**: Curso básico à distância. Ministério do Meio Ambiente. MMA. Brasília, 2001.

MEYER, M. A. Educação ambiental e desenvolvimento. Santa Maria. **Ciência e Ambiente**. Ed. UFSM: Ed. UNIJUÍ. nº 8, p. 53-70.

NUCLEO DE PESQUISA E INFORMAÇÕES MUNICIPAIS - NOPI. **O que é pesquisa?** [on line] [cited 04/08/2004] Disponível em www: <URL:http://www.alconta.com.br/pesq02.htm#metodos>

PORTER, M. **Competição**. Estratégias competitivas essenciais. Rio de Janeiro, Campus, 1999.

REIGOTA, M. **Educação Ambiental**: Meio Ambiente e Representações Sociais. São Paulo. Cortez, 1994.

ROTH, B. W. **Tópicos em Educação Ambiental**: recortes didáticos sobre o meio ambiente. Santa Maria, RS. Pallotti, 1996.

SILVA, S. S. **Representações Sociais de Meio Ambiente nas Pesquisas em Nível de Pós-Graduação** UFSM-FURG. Santa Maria, RS, UFSM, 1999.

SODRÉ, M. **O Monopólio da Fala**. Rio de Janeiro, Vozes, 1977.

STEVENSON, N.W. Estatística aplicada à administração. São Paulo, Harper, 1981.

TELECURSO 2000. **Apresentação**. [on line] [cited 04|08/2004] Disponível em: <URL:http:// http://www.telecurso2000.org.br/tele2k/scripts/tc2000.asp>

TRUJILLO, V. **Pesquisa de Mercado Qualitativa e Quantitativa**. São Paulo. Scortecci, 2001.

TOMAZZETI et alli. Racionalidade, educação e gestão ambiental. **Redes**. Santa Cruz do Sul. Unisc, nº2, p.45-69. 1998.

WHITE, R. & THOMAS, P. **Ensino à Distância: experiências e inovações**. São Paulo, SP. Revista do curso de gestão de processos comunicacionais – ECA-USP. n.3, p.47-56, 1995.

## ANEXO A – INSTRUMENTO DE PESQUISA

### Universidade Federal de Santa Maria

Centro de Ciências Rurais – CCR

Curso de Especialização em Educação Ambiental

#### Pesquisa

A televisão como educadora ambiental:  
Percepções da sociedade.

#### Identificação

Sexo: MASCULINO

FEMININO

Nome:

Idade:

#### Qualificação econômico-cultural

Renda Familiar:

Até 2 salários mínimos

Até 5 salários mínimos

Até 10 salários mínimos

Acima de 10 salários  
mínimos

Escolaridade:

1º grau

2º grau

superior incompleto

superior completo

pós-graduado

Dos programas da **RBS-TV** que mostram temas relacionados ao meio ambiente, seu programa preferido é :

GLOBO ECOLOGIA

GLOBO REPÓRTER

GLOBO CIÊNCIAS

TELECURSO

GLOBO RURAL

\_\_\_\_\_

Entre esses programas, há algum que você **goste**, mas que não assiste porque o horário é inadequado / incompatível com seus hábitos ou compromissos?

SIM. O programa \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_

NÃO.

Em que outros programas da **RBS-TV** você gostaria que fossem veiculadas mensagens e informações acerca de questões ambientais / educação ambiental?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Na sua opinião, quais os horários mais adequados/agradáveis para a RBS-TV veicular programas que tenham como conteúdo as questões sobre o meio ambiente?

dias da semana	FAIXA DE HORÁRIO PREFERIDO PELO PÚBLICO						
	0 - 6	6 - 10	10 - 12	12 - 14	14 - 18	18 - 22	22 - 24
segundas							
terças							
quartas							
quintas							
sextas							
sábados							
domingos							